



Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Letras - IL
Departamento de Teoria Literária e Literatura - TEL
Disciplina: Monografia em Literatura
Profª. Dra. Luciana Arruda Alves Santana
Aluno: Michael da Silva Jacinto - 14/0156054

MONOGRAFIA EM LITERATURA

BRASÍLIA/DF

2018

MICHAEL DA SILVA JACINTO — 14/0156054

MONOGRAFIA EM LITERATURA

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Universidade de Brasília como pré-requisito
para a conclusão da disciplina Monografia em
Literatura.

ORIENTADORA

Prof^a. Dra. Luciana Arruda Alves Santana

BRASÍLIA/DF

2018

MICHAEL DA SILVA JACINTO – 14/0156054

Dedico este trabalho aos professores que me orientaram e deram suporte para a plena realização desse, juntamente com a Universidade, amigos e a minha companheira; entes queridos esses que foram tão importantes para me manter focado ao objetivo.

BRASÍLIA/DF

2018

O GUARANI EM UM ROMANCE MEDIEVAL COMO
PERCEVAL OU O ROMANCE DO GRAAL

BRASÍLIA/DF

2018

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	pg.06
II. O GUARANI EM UM ROMANCE MEDIEVAL COMO PERCEVAL OU O ROMANCE DO GRAAL	
1 - O herói medieval em Peri.....	pg.08
2 - O paralelo das narrativas.....	pg.16
3 - Peri e o índio aos olhos do Brasil.....	pg.19
III. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	pg.23
IV. BIBLIOGRAFIA.....	pg.25

INTRODUÇÃO

O índio como uma das principais peças que habitam o imaginário do Brasil colônia, e também como personagem em obras de autores brasileiros do romantismo, como as de José de Alencar, mantém em si uma carga histórica e cultural que foi interpretada por muitos pontos de vista distintos nos documentos literários que chegaram a nós no decorrer dos séculos do descobrimento do Brasil; por exemplo, a carta de Pero Vaz de Caminha a el Rei D. Manuel, onde este nativofoi, criaturas que não possuíam as mesmas noções de moral e vergonha que o português. Criou-se assim um afastamento deste do “homem civilizado”, gerando um imaginário ficcional e inverossímil aos leitores quenós, somente com o acesso aos dados históricos comprováveis posteriormente, fomos capazes de perceber como o índio é um personagem descaracterizado, como veremos no romance *O Guarani* (1857), e mais próximo da realidade dos heróis medievais europeus, como em o *Perceval ou o Romance do Graal* (ed. 1992). Tal caracterização literária dada por José de Alencar ao personagem indígena *Peri* de *O Guarani*, possibilitou a criação de um imaginário histórico ficcional ao personagem, bem diferente da realidade que foi vivida nos primeiros séculos de descoberta do Brasil, criando assim uma forma inverossímil do indígena.

A Europa possuía uma visão preconceituosa sobre os hábitos e ritos dos nativos da América, sendo assim, era inevitável o reflexo destes na literatura. Já o indianismo brasileiro tentou praticar a exaltação deste povo, no sentido de lançá-los como honrados e heroicos, cheios de características dignas de um cavaleiro; no caso de *Peri*, um ideal de brasileiro, e a origem da nação brasileira em si. Com adaptações “palatáveis” e subvertendo os seus costumes, o indígena foi caracterizado por vários autores, dentre eles o *Hans Staden* (1558) e *André Thevet* (1557) na Europa renascentista, que com um viés de verossimilhança e com toques de ficção estes autores tentaram refletir o índio real, porém com um alicerce preconceituoso e fundamentado na religião, sempre exaltando o catolicismo sobre os ritos desses; e por Alencar no Brasil república, século XIX, buscando assim exaltar e “reviver” o indígena, dando a este traços de herói e honrarias dignas de um cavaleiro medieval. Alencar buscou estabelecer o herói indígena como ícone popular, tanto das personagens do romance que se relacionam com *Peri*, quanto aos leitores .

Pois bem, com o romantismo brasileiro nascendo e a necessidade de se constituir uma nação devido a separação com Portugal, faz-se necessário, de acordo com Custódio (2017, p. 6), surgir “no Brasil um movimento literário que capta essa formação ideológica e tenta, a partir dos romances e da poesia, [que construa] um imaginário formador da identidade

nacional”.

O mercado literário lucrativo do período da colônia iniciado pelos relatos de *Staden* e *Thevet*, onde havia uma demanda sedenta de curiosidade sobre o selvagem, não mais é o foco; a intencionalidade mudou, ela se tornou a de apresentar o indígena brasileiro com um aspecto louvável, exaltável e digno de honras, dono e domador das terras, inspirador de coragem e boa conduta. Tais características que são aplicáveis também a um cavaleiro oriundo dos contos de cavalaria medievais.

O personagem *Peri* de Alencar nos faz levantar comparações ao pô-lo em análise diante do romance *Perceval ou o Romance do Graal*, pois a semelhança de algumas características que ambos compartilham é imensa. Eles atuam, cada um em seu contexto, com traços heroicos, honrados e fervorosos com a sua fé, o que nos leva a tentar entender se o personagem indígena *Peri* pode ser apresentado de forma europeizada, um semelhante a *Perceval*, um herói medieval em busca do seu título de cavaleiro, e como a história dos dois se assemelha ao se tratar da conduta da cavalaria e como o indígena em questão se encaixa nela. Sendo assim, a intenção deste trabalho é a de demonstrar a forma literária qual o protagonista *Peri* foi representado no romance *O Guarani* (1857) de José de Alencar e como este pode ser comparado a um herói cavaleiro do conto de cavalaria *Perceval ou o Romance do Graal*.

O GUARANI EM UM ROMANCE MEDIEVAL COMO PERCEVAL OU O ROMANCE DO GRAAL

1- O herói medieval em Peri

O Brasil pós-independência era uma nação carente, sem grandes alicerces culturais que moldassem a união do povo. Então, para fundamentar essa ideologia de nação, os artistas, em específico as primeiras gerações de escritores românticos tiveram o “papel decisivo” para a criação da identidade brasileira. Então surge a figura de herói nacional, que evocava as qualidades do país e que gerava um paralelo com o cânone europeu na sua estrutura de escrita; sendo assim, o índio foi o candidato escolhido para preencher essa lacuna, dando início ao movimento que seria conhecido como o “indianismo” (Custódio, 2017, p. 8).

Bastos (2011, p. 13) diz que essa valorização do indígena dá-se por meio de duas maneiras “distintas e complementares entre si”: a primeira é devido a atribuição a esse indígena de qualidades “físicas e morais” que o distinguem do homem bestial das matas, que não possuía posses na razão ou na civilização; a segunda trata-se de dar ao indígena o papel de protagonista de sua trama, transformando-o no pilar fundamental e no agente onde irá orbitar toda a estrutura do romance. Diz também que em toda a literatura pré-romântica, jamais havia ocorrido de forma integral alguma dessas características.

O personagem *Peri* de *O Guarani* (1857) foi uma das criações indígenas de José de Alencar no romantismo, oriundo da tentativa de criar uma personalidade que representasse positivamente o povo brasileiro e fosse o ponto de partida da própria nação; e, sendo assim, para garantir a real representação do que o Brasil tem a oferecer, este optou por um índio, a figura mais nativa possível da nação. *Peri* é honrado, honesto, corajoso, heroico e possui alguns outros traços positivos que se possa narrar, porém, o que mais se sobressalta é a sua devoção, característica essa que é a principal do seu caráter, onde esse se submete totalmente a donzela endeusada, a *Cecília*, que aos olhos de *Peri* é a imagem mais divina existente, imagem que supera a de sua própria mãe:

[...] A índia fitou em seu filho um olhar de profunda admiração.
— Teus irmãos partem! O selvagem não respondeu.
— Tua mãe parte!
O mesmo silêncio.
— Teu campo te espera!
— Peri fica, mãe! disse ele com a voz comovida.
— Por quê?
— A senhora mandou.

A pobre mãe recebeu esta palavra como uma sentença irrevogável; sabia do império que exercia sobre a alma de Peri a imagem de Nossa Senhora, que ele tinha visto no meio de um combate e havia personificado em Cecília. (*O Guarani*, 1857, pp. 86 e 87)

Porém, ao lermos essas características, dificilmente conseguimos associar com a figura indígena, não por pensar que eles seriam incapazes de se portar dessa forma, porém é inverossímil pensar que a cultura indígena se portasse de tal maneira em relação ao colonizador, justamente o seu maior inimigo. Os traços apontados de acordo com Custódio (2017, p. 9) tratam-se de traços já bastante renovados e fragmentados pelo tempo, sendo assim, o que vemos no indianismo brasileiro é a “referência da referência”, o resultado da diacronia nos contos de cavalaria; então os apontados em *Peri* melhor se comparam a um personagem oriundo diretamente dos contos de cavalaria, do herói medieval que tanto zela por sua dama e que honra os seus ideais, geralmente religiosos e de conduta. Heróis esses encontrados em *o Perceval ou o Romance do Graal* (ed. 1992), como em um trecho semelhante em que *Perceval* nega a sua mãe para poder perseguir a sua ambição (e curiosidade) de conhecer a cavalaria, a deixando desgostosa, pois essa queria privá-lo da vida dura e perigosa dos cavaleiros e poupá-lo do mesmo destino de seus irmãos e pai:

[...] O moço escuta muito pouco o que sua mãe vai dizendo.
— Dê-me de comer —diz—; não sei do que me fala. Com muito gosto iria ao rei que faz cavaleiros; e eu irei, que pese a quem pesar.
A mãe o retém e o cuida tanto como lhe é possível. Prepara e confecciona uma grossa camisa de cânhamo e calças à guisa de Gales; onde se fazem, conforme acredito, calças e meias de uma peça; e uma capa com capuz, de pele de cervo, fechada ao redor. Assim o equipou a mãe. Só três dias o reteve, pois, para mais não foram eficazes suas adulações. Então, sentiu a mãe uma estranha dor; beijou-o e o abraçou chorando e lhe disse
—Agora sinto uma dor muito grande, bom filho, quando o vejo partir. Vá a corte do rei e diga-lhe que lhe dê armas. Não haverá nenhum inconveniente, pois, bem sei que dará. Todavia, quando chegar o momento de levar as armas, o que ocorrerá então? Como poderá dar conta, ao que jamais fizera, nem vira fazer a outros? Realmente, temo que mal. [...] (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, pp. 19 e 20)

Esses heróis, de acordo com Rios (2013, p. 1), são as “figuras heroicas ou míticas que acabam atuando como elementos integradores de identidades”, ou seja, são os personagens responsáveis pela criação do imaginário de uma nação, que faz com que essa se torne unida mediante um ponto fixo, um ideal, e a literatura é uma das formas responsáveis pela criação de heróis, sendo assim desnecessário que o herói tenha vindo a existir, “mas que todo herói é uma criação narrativa da imaginação fictícia ou da histórica”; Almeida (2010, p.9) complementa relatando que “um fragmento do texto antigo conhecido como *Dialexeis*

(400 a. C.), que ensinava sobre a memória, apontou os deuses e os *heróis* como as melhores imagens para recordar certos vícios e virtudes”. Para Alencar, o Brasil encontrava-se ausente desse ideal, desse personagem que impulsionasse o orgulho brasileiro; o europeu não poderia ocupar esse papel, por esse ter ainda um vínculo com a sua terra de origem, o mestiço ainda trazia características daquilo que se queria afastar para representar a nação, sendo assim, o indígena autóctone é a escolha ideal para que haja uma maior aproximação do povo com o herói.

O Nacionalismo, característica imprescindível do romantismo, é a forma adotada pelo romancista de instigar o orgulho nacional por meio do desenvolvimento do misticismo que tanto nos faltava. José de Alencar opta por escrever sobre o que havia no Brasil colônia e como isso poderia moldar a origem brasileira: “o indianismo nasceu de um nacionalismo em busca de identidade própria e encontrou no índio, o elemento de suas criações, representando tudo de bom que o Brasil possuía naquela época”, o lançamento de um herói mítico nacional (Pereira Neto, p. 2, 2004).

Ao início da narrativa, Peri lança-se como herói obstinado e sem temores, mesmo que sem desejar fazê-lo; a narrativa o ilustra naturalmente como um homem acima dos demais no quesito coragem e força, equiparáveis às onças selvagens das matas:

Foi cair sobre o índio (a onça), apoiado nas largas patas de trás, com o corpo direito, as garras estendidas para degolar a sua vítima, e os dentes prontos a cortar-lhe a jugular. A velocidade deste salto monstruoso foi tal que, no mesmo instante em que se vira brilhar entre as folhas os reflexos negros de sua pele azevichada, já a fera tocava o chão com as patas. *Mas tinha em frente um inimigo digno dela, pela força e agilidade.* (*O Guarani*, 1857, p. 17)

Fernandes (2004, p. 131) argumenta que *Perceval* passa por “etapas da educação do cavaleiro”, proposto por Chrétien de Troyes em sua obra. Ele, *Perceval*, necessitaria de três pré-requisitos para se tornar cavaleiro: predisposição para aprender, que seria a capacidade “inata” do herói, devido a sua linhagem de cavaleiros; depois virá a sua disposição e empenho, características que se provam como as mais abundantes em *Perceval* durante o romance, pois Fernandes afirma que esse “se empenha, pois percebe que o que lhe ensinam está de acordo com sua índole mais íntima.”; e, finalmente, a prática, que seria a montaria, o uso das armas e o tratamento fino às donzelas. Sendo assim, ele precisará ainda realizar inúmeras provas de sua valentia para se validar como herói, assim como *Peri* realiza no trecho acima.

Em sua jornada formativa, *Perceval* demonstra feitos dignos de honra e muita

habilidade, como se esse fosse naturalmente inclinado a ser cavaleiro; como no episódio que salva o castelo de sua *amiga Brancaflor* do vil *Clamadeu*:

Quando Clamadeu viu chegar o que devia combater com ele (Perceval), teve o néscio convencimento de que muito rapidamente esvaziaria a sela da montaria. No campo plano e formoso, só estavam eles dois, pois Clamadeu tinha licenciado e feito partir toda sua gente. Ambos tinham a lança apoiada diante da sela, na bainha, e puseram-se a correr um para o outro sem desafiar-se e sem grandes raciocínios. Ambos levavam lança de freio, robusta e manejável, com ferro aguçado; os cavalos velozes e os cavaleiros fortes odiavam-se de morte. Trombaram-se tão bruscos que as lâminas dos escudos rangeram, as lanças quebraram-se, um derrubou o outro. Todavia, imediatamente, ficaram em pé, imediatamente atacaram-se com as espadas com igual brio e durante muito tempo. Explicaria como tudo ocorreu se quisesse me entreter nisso, mas não vale a pena, igual está dito em uma palavra como em vinte palavras: Ao final, Clamadeu teve que pedir mercê, com muito pesar. (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, pp. 57 e 58)

Essas demonstrações de força têm a intenção de reafirmar a posição do herói e o seu destaque na narrativa. É a criação de um ser acima do padrão, um ideal, um “modelo humano a ser admirado” (Custódio, p. 11). Outro exemplo dos contos de cavalaria seria de quando *Arthur*, em *O Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda*, retira a espada mágica da rocha, ato que legitima o seu direito ao trono e o de salvador de seu povo:

Em seguida correu com toda pressa até a catedral. E quando chegou lá viu que não havia ninguém montando guarda junto do bloco de mármore, como até então tinha sido o caso, pois todos os que vinham montando guarda tinham ido até a luta que acontecia lá perto. E a bigorna e a espada estavam ali ao seu alcance. Então, não havendo ninguém que o impedisse, o jovem Arthur saltou sobre a pedra de mármore e colocou as mãos em torno do cabo da espada. Então inclinou o corpo e puxou com toda força e – ora vejam! – ela deslizou da bigorna com incrível facilidade e ele segurou a espada nas mãos, e era sua. (*O Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda*, 2013, p. 34)

São atos distintos, porém com significados semelhantes, *Peri* ao lançar-se à tarefa de captura da onça em prol da satisfação de sua dama, torna esse feito em um ato heroico por excelência; uma prova imensa de virilidade e comprometimento. De acordo com Mendes (2004), *Peri* apresenta algumas características que o apresentam como herói épico:

Peri é apresentado como “rei das florestas” e, como consequência, são suas decisões que prevalecem, como, por exemplo, na caça à onça, na decisão de enfrentar os Aimorés, sozinho, no intuito de salvar a família de D. Antônio de Mariz; na descida à gruta das serpentes para resgatar o colar de Cecília; na decisão final de permanecer na floresta, onde ele era senhor, quando no mundo dos brancos, ele não passaria de um escravo. (Mendes, 2004, p. 55)

Ele sendo um herói épico, também está sujeito às tragédias que os deste gênero

sofrem. E Mendes ainda afirma que é característica intrínseca ao herói desse tipo de narração o envolvimento com uma personagem feminina, esta geralmente representando uma ameaça ao trajeto do herói, e, até mesmo, a sua maior angústia. E apesar da narrativa expor traços que se relacionam indiscutivelmente com a épica, ainda há uma grande presença do personagem do medievo europeu, quando *Peri* se dedica a sua dama em um amor submisso, religioso e conectado a questões sagradas, sem qualquer desejo carnal, apresentando no seu inconsciente a aversão aos pecados capitais, apenas um amor cortês e devoto.

Um paralelo interessante pode ser traçado de *Perceval*, que segundo Fernandes (2004, p.1) o personagem “não se torna cavaleiro a fim de realizar façanhas militares ou conquistar o amor de damas da corte. Sua missão é mais elevada: encontrar o Graal, que faz nesta obra sua primeira aparição literária”. Pereira (2012, p.1) nos diz que Alencar faz uso em seu discurso de termos que nos remetem ao período medieval, quando utiliza “palavras que trazem em seu campo semântico a expressão medieval das novelas de cavalaria do “grupo bretão” como: “divindade”, “culto santo” e “natureza virgem” indo ao encontro do tema principal da baixa Idade Média”. Não é difícil imaginar com esse contexto como o *Peri* foi idealizado; seus atos heroicos, sua motivação e a sua subserviência são reflexos disso. A característica do romance medieval, a dicotomia do bem contra o mal, também se faz presente; não apenas nos antagonistas, os *Aimorés* e o *Loredano*, contra o herói, *Peri*, mas dentro de cada personagem: Os *Aimorés* buscam vingança por uma filha de seu povo ter sido assassinada pelo herdeiro de *D. Antônio de Mariz*, praticando assim o bem por seu ponto de vista, porém, atacando a residência de seu agressor com bastante violência e crueldade, executando assim o mal do ponto de vista dos que estavam na casa:

Agora é fácil conhecer a razão por que *Peri* perseguia a índia, resto da infeliz família sabia que ela ia direito ter com seus irmãos, e que à primeira palavra que proferisse, toda a tribo se levantaria como um só homem para vingar a morte do seu cacique e a perda da mais bela filha dos *Aimorés*. Ora, o índio conhecia a ferocidade desse povo sem pátria e sem religião, que se alimentava de carne humana e vivia como feras, no chão e pelas grutas e cavernas; estremecia só com a ideia de que pudesse vir assaltar a casa de *D. Antônio de Mariz*. (*O Guarani*, 1857, p. 59)

Loredano também sofre da dualidade do bem e do mal, mesmo esse expressando durante a narrativa mais o seu lado perverso, em um momento esse recua diante de *Cecília* adormecida e indefesa, reconhecendo que nem ele ali teria coragem de maculá-la:

O colo arfou docemente, e a mão descaído foi de novo aninhar-se entre o talho da sua anágua de cambraia. O italiano (*Loredano*) ergueu-se pálido. Não se animava a

tocar naquele corpo tão casto, tão puro; não podia fitar aquela fisionomia radiante de inocência e de candura. (*O Guarani*, 1857, p. 156)

Percebe-se com o trecho que a figura da mulher no romance é elevada ao status de divindade, intocável e pura, imaculável até aos seus agressores. A donzela que se sobressai dentre todas as princesas e, sendo assim, precisa de um herói à altura, um cavaleiro típico dos contos medievais.

O *Perceval* tem contato com donzelas em sua jornada, com o primeiro encontro sendo confuso e bastante aquém da conduta do cavaleiro para com essa, onde ele rouba um beijo de seus lábios e a desonra com inúmeras atitudes dignas de alguém sem formação de cavaleiro (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, p. 22 e 23). Apenas com a sabedoria que adquire no decorrer do romance, este é capaz de lidar com o sexo oposto como o que se espera de um cavaleiro juramentado a protegê-las. Posteriormente realizará a promessa de vingar a donzela esbofetada (p. 29) na corte do rei *Arthur* por *Keu*, podendo assim trazer a honra de volta ao seu coração:

— Amigo, tome meu corcel e leve-o, é muito bom e lhe dou porque já não o necessito mais. Leve ao rei sua taça e saúdem-no de minha parte. Diga à donzela que *Keu* pegou na bochecha, que se puder, antes de morrer, penso sorrir àquele banana, de tal modo, que ela se considerará vingada. (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, p. 32)

A dualidade presente em *Peri* é fruto do seu egoísmo e sentimento de auto-sacrifício constante. Onde esse eleva a sua honra ao ponto de poder perder a própria vida, se essa for dedicada a segurança de *Cecília* e sua família. Portanto, ao mesmo tempo que o seu heroísmo é o que o enobrece, também é o seu declínio. No ato final de sacrifício, *Peri* arrisca tudo em uma estratégia que seria a salvação de sua donzela e simultaneamente a sua própria perdição:

A extrema dedicação do índio por sua senhora, o desespero da posição em que se achavam, podia explicar essa alucinação, se o fidalgo não soubesse quanto *Peri* tinha a calma, a força e o sangue-frio que tornam o homem superior a todos os perigos. O resultado de suas reflexões foi que havia no procedimento de *Peri* alguma coisa que não estava clara e que devia explicar-se mais tarde. (*O Guarani*, 1857, p. 209)
[...] — *Peri* envenenou a água que os brancos bebem, e o seu corpo, que devia servir ao banquete dos *Aimorés*! Um grito de horror acolheu essas palavras ditas pelo índio em um tom simples e natural. (*O Guarani*, 1857, p. 212)

Com o sacrifício final, *Peri* procurou dar a própria vida em prol da família de *D. Antônio de Mariz*, porém, acima desta, a vida de *Cecília* era o que mais lhe importava. Essa antítese de abnegação e egoísmo é a problemática que ronda o herói medieval. Pois este quer

ser honrado e provar constantemente que é digno desta, suas ações são pautadas na razão, porém sem se distanciar da emoção, prejudicando-se em prol da causa.

No *Perceval ou Romance do Graal*, o personagem *Gauvain* arrisca a sua vida para reaver o cavalo da donzela - um feito singelo se comparado ao de *Peri*, que possuía a intenção de sacrificar-se por algo muito maior além de sua donzela - que estava sozinha sob uma árvore, porém o princípio de se pôr abaixo das necessidades alheias é uma semelhança entre os personagens. A donzela diz a *Gauvain* que o acompanhará caso conclua a missão, seria essa a recompensa do feito:

—Já sabia — disse ela—, porém, malharia quem tal coisa imaginou. Guarde bem de pensar que subirei em seu cavalo. Eu não sou dessas boba e tonta, com as quais os cavaleiros se divertem. Levam-nas nos cavalos quando vão a suas cavalarias; a mim você não levará. Não obstante, se ousasse, poderia ir me acompanhando. Se quer dar-se ao trabalho de ir procurar naquele jardim meu cavalo, eu iria consigo até que desgraça, desgosto, dor, vergonha e desdita caíssem sobre você em minha companhia. (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, p. 127)

Arrisca-se então para recuperar a montaria da donzela, mesmo após as previsões agourentas que essa lança sobre ele, e, também diante dos avisos de seu adversário, um cavaleiro que guardava a montaria; *Gauvain* não recua por sua honra e por ser vassalo de sua donzela:

Meu senhor *Gauvain* dirige-se ao cavalo e abre a mão para agarrá-lo pelo freio, pois não lhe faltavam, nem freio, nem sela. Entretanto, um musculoso cavaleiro, que estava sentado sob uma verde oliveira, diz-lhe:
—Cavaleiro, em vão vieste pegar o cavalo. Não aproxime, nem sequer um só dedo, porque seria grande presunção de sua parte. Não obstante, se tanta vontade tiver de agarrá-lo, eu não lhe quero disputar isso, nem proibi-lo. Aconselho que vá, porque se levá-lo fora daqui, encontrará grande obstáculo.
—Nem por isso o deixarei, gentil senhor —disse meu senhor *Gauvain*—, porque a donzela que está olhando lá debaixo daquela árvore, enviou-me por ele. E se não levasse comigo, o que tivesse vindo a procurar aqui? Seria desonrado na terra como covarde e tímido. (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, p. 128)

O bem-estar dos *Mariz* era uma das prioridades do herói *Peri*. Em um sistema de vassalagem, onde o cavaleiro juramentado deve obediência e servidão ao rei, *Peri* dedicava-se com igual convívio e distância. Distância essa representada com a sua relação com a donzela, parecendo-se assim com um amor platônico, porém no sentido de amor devoto, comparável com o que se tem a uma divindade; também há a distância social e racial, onde ele mantinha-se longe da casa e possuía poucas relações com os demais membros desta. A relação de servo e fidalgo não é abertamente estabelecida, mas as circunstâncias os empurram para tal, criando o imaginário medieval perfeito, da vida na corte versus o cavaleiro plebeu

que observa o castelo ao longe pensando na amada.

Perceval já não sofre tal desgosto, pois desde o início de seus feitos este é bem-querido nos locais em que toma pousada. O Castelo do *Bom Refúgio* e o do *Rei Pescador*, foram prometidos a ele em diversas passagens:

Aquele (*Perceval*) que disputara a terra e a donzela Brancaflor, sua amiga formosa—, ao lado dela joga e deleita-se. Toda a terra seria livremente dele, se pudesse evitar que seu coração estivesse em outro local. Agora mais se lembra de outra coisa, porque tem no coração a sua mãe, que viu cair desvanecida, e tem mais desejo de ir vê-la que de nada mais. Não se atreve a despedir-se de sua amiga, porque ela o veda, proíbe e ordenou a toda sua gente que lhe peça muito que fique. Mas nada conseguem com o que dizem, salvo que ele faça a promessa que, se encontrar a sua mãe viva, trará consigo e após, podem estar seguros de que ficará possuindo a terra. Se estiver morta, fará o mesmo. (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, pp. 61 e 62)

Álvares (2013, p. 72) irá dizer que a história de *Perceval* se desenrola por meio de “desencontros” ou “encontrões”, que a deriva da jornada do cavaleiro o colocam em episódios que testam o seu instinto. Esses eventos apresentam a característica de “combinações semanticamente variáveis de luz e de trevas”, onde a moral heroica de *Perceval* é testada constantemente pelos infortúnios e prazeres, um sistema de “relações lógicas que estrutura o acesso de *Perceval* à cavalaria mundana e depois à cavalaria espiritual”.

Voltando a *Peri*, seu romance apresenta vários fatos fortíssimos que apontam para a existência da inspiração de José de Alencar nos contos medievais ao escrever *O Guarani* (1857), elevando o nativo ao mais alto grau de nobreza e honra, atendendo uma demanda colonial que se via como europeia e dando um herói em que estes poderiam se afeiçoar e sentir-se representados; como em *O Romance do Graal*, onde *Perceval* passa por uma jornada repleta de feitos que refletem na aceitação dele pelos outros, que o louvam como herói cavaleiro digno de muito renome.

Bastos (2011, p. 20) articula que o *Peri* é membro de um plano “etnológico indisfarçável, de um substrato cultural que o faz uma réplica selvagem do cavaleiro medieval europeu”, reproduzindo as características de “vassalagem amorosa, lealdade cavaleiresca e nobreza indômita, ainda que ‘primitiva’”. Pereira (2018, p. 1) ainda confirma o já exposto de que os escritores brasileiros desse período eram fortemente inspirados pelos escritores europeus, eles “eram lidos e estudados como cânones da literatura mundial tornando-se, assim, modelos para muitos escritores brasileiros, entre eles, José de Alencar, que “bebeu” nas fontes de Chateaubriand e Sir Walter Scott”, e que “os escritores da primeira fase do Romantismo brasileiro que optaram por uma estética voltada aos moldes da Idade Média”,

sendo assim, não havia então como desassociar o romance do herói *Peri* de um conto de cavalaria, mesmo esse sendo distinto de *Perceval*; que ao invés de armadura e cavalo, este portava arco e a astúcia das matas, que mesmo por não pelejar nas planícies, ainda possuía o fervor da guerra nas florestas, palco de suas artimanhas e proezas de igual ou superior complexidade.

2 - O paralelo das narrativas

Peri e *Perceval* apresentam características que os unem por cavalaria, porém o seu contexto literário e geográfico são distintos como a noite e o dia. Um é, em seu romance, indígena do século XVII; o outro, um cavaleiro da corte do rei Artur do século XII. Sendo assim há um distanciamento e uma aproximação em dois campos semânticos.

O contexto histórico apresentado n' *o Guarani* (1857) é o pós-descobrimento do Brasil, onde se apontava uma costa praiana grandemente ocupada por povos indígenas, esses que faziam uso de uma “língua geral”, ou simplesmente, “tupi”. Sendo essa não apenas uma língua, mas um grupo linguístico com várias sociedades de identidade própria (Mussa, 2009, p.12).

Os europeus chegavam às terras em busca de riquezas e de realizar um comércio lucrativo com os nativos, dando a esses pequenas amostras do mundo moderno em troca de recursos naturais ou de pistas que levassem a esses recursos, como na empreitada maliciosa e cheia de cobiça do antagonista *Loredano*.

Já em *Perceval ou o Romance do Graal* (ed. 1992) as disputas eram por honra e fama dentre as donzelas, nobreza e os cavaleiros. Não se encontra expressamente no romance uma disputa por recursos que não esteja intrínseca ao desejo de possuir uma donzela; como é narrado por *Brancaflor* o desejo de seu malfeitor, *Clamadeu*:

[...] Anguinguerón (servo de Clamadeu) passou todo um inverno e um verão em assédio, daqui pra frente, sem mover-se, sempre aumenta sua força. A nossa está minguada, as provisões esgotadas, a ponto de não ficar nem para alimentar uma abelha. Agora estamos tão perdidos porque amanhã, se Deus não o remediar, este castelo lhe entregará, pois, já não pode defender-se, me levará com ele como cativa. (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, p. 47)

Cunha (1986, p. 92) diz que o primeiro contato do português com o Brasil foi sem o fascínio e a cobiça que ficariam tão fortes cinco décadas depois. Os colonizadores vieram ao Brasil de acordo com relatos e cartas previamente escritas por Colombo, e este utilizou cartas

que haviam descrito narrativas marítimas prévias:

Por mais exatas que sejam (e certamente são mais escrupulosas do que muitos relatos posteriores), as primeiras cartas já se assentam em ideias propagadas desde o Diário da Primeira viagem de Colombo, elas próprias enraizadas nos relatos de viagens - reais ou imaginárias - de Marco Polo, de Mandeville, do Preste João [...] (CUNHA, pg. 92)

Cobiça essa pouco aparente no *romance do Graal*; exceto pelos pecados de se desejar as donzelas, poucos são aqueles que perjuram ou cometem outros crimes, devido ao caráter extremamente religioso apresentado e respeitado por toda a ordem de cavalaria e os que se relacionam com estes.

Os indígenas reforçam as expectativas dos navegantes com os seus relatos, “seja lá em qual língua”, que falavam em metáforas sobre as riquezas da terra, e os portugueses as narravam de forma convincente, tentando assim trazer para o local o olhar dos reis católicos. Um exemplo notório desses relatos é o de Pero Vaz de Caminha (1498), que em vez de carta, pode-se dizer que tratou-se de um diário de viagem, onde ele narra sobre os nativos e a sua crença:

Portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da sua salvação. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim. Eles não lavram, nem criam. Não há aqui boi, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem qualquer outra alimária, que costumada seja ao viver dos homens. Nem comem senão desse inhame, que aqui há muito, e dessa semente e frutos, que a terra e as árvores de si lançam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios, que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos (CAMINHA, pg.7).

Apelando para a responsabilidade religiosa do rei, Caminha consegue assim inaugurar a vontade colonizadora com esse pretexto; pois, como sabemos, a real intenção era a exploração da terra. Responsabilidade religiosa que é o núcleo da busca pelo Graal, *Perceval* e a sua fé são o que o movem a fazer milagres em nome da religião cristã:

Longas e belas foram as cerimônias solenes para o serviço fúnebre do rico rei e depois para a coroação. É preciso relatar certos fatos. Foi assim que, antes de qualquer festa, Perceval fez questão de honrar os despojos do Rei Pescador; depois mandou abrirem o aposento onde o velho rei Modrain vivia em prece. Ele próprio deu-lhe comunhão, e prontamente o ferido sarou das chagas. Deixou o leito, vestindo manto real, e acompanhou Perceval perante a multidão reunida. Abraçou-o publicamente e colocou-lhe a coroa na cabeça como seu sucessor; depois desabou em seus braços e morreu, segundo a profecia. (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, p. 245)

André Thévet (ed. 1978, p. 89) afirma maliciosamente que os indígenas não possuíam “nem F, nem L e nem R” em seu vocabulário, sendo assim, não tinham nem fé, lei

ou rei para dirigir a sua sociedade. Podemos aí ver a inspiração do personagem *Loredano* em *O Guarani* (1857), um religioso que nos recorda as simonias praticadas ativamente na idade média - objetos como o Graal, a lança que atingiu o flanco de Jesus e até mesmo partes de suas vestes e madeira de sua cruz eram peças mistificadas e ditas valiosas; tanto que apareciam em posse de igrejas que lucravam com isso. Com a sua ganância e vontade de enriquecer, esse personagem pega o mapa das minas de prata do cadáver moribundo, esquecendo-se totalmente de seus votos religiosos e delirando sobre as riquezas infundáveis:

Mas o religioso não via nesse momento senão o papel que tinha nas mãos; deixou-se cair em um banco, e com a cabeça pendida sobre o braço, entregou-se a funda meditação.

Que pensava ele?...

Não pensava; delirava. Diante de seus olhos, a imaginação exaltada lhe apresentava um mar argênteo, um oceano de metal fundido, alvo e resplandecente, que ia se perder no infinito. As vagas desse mar de prata, ora achamalgamavam-se, ora rolavam formando flocos de espumas, que pareciam flores de diamantes, de esmeraldas e rubins cintilando à luz do sol. (*O Guarani*, 1857, p. 70)

O paralelo com o nosso herói, o *Peri*, é que este não é preso a posses mundanas, é um ser ligado apenas ao seu dever e com a sua musa:

Peri voltou trazendo uma linda flor silvestre que encontrara no jardim; era uma parasita aveludada, de lindo escarlate. A menina prendeu a flor nos cabelos, satisfeita por ter cumprido um inocente desejo de Peri, que só vivia para cumprir os seus; e dirigiu-se ao quarto de sua prima, ocultando no seio a caixinha de veludo. (*O Guarani*, 1857, p. 106)

Obviamente, como já citado diversas vezes, *Perceval* é um cavaleiro fiel à sua religião e tem desapego de tudo que não é voltado a sua conduta, como *Peri*; abdicando até mesmo de seu reino para cumprir a vontade de Deus:

Perceval reinou em paz durante sete anos, querido e respeitado por todos os vizinhos. Casou com o rei Merien a filha do rei Gondesert, e a do rei Pescador com o príncipe de Vollone.

Aconteceu então a morte de Brancaflor, e houve grande tristeza. Perceval resignou sua terra para o rei Marone e se retirou para um mosteiro, onde viveu a mais devota vida. Levou para seu piedoso retiro o Graal, a lança e a Salva e jamais se separou deles. (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, p. 246)

Apesar da suposição que fazemos de Alencar ter buscado muita inspiração para *O Guarani* (1857) pensando nos romances de cavalaria e em toda uma tradição literária europeia, esse acerta ao descrever algumas características indígenas históricas, porém a descrição oriunda desses fatos do Brasil pós-descobrimento terá duas vertentes: a dos

missionários e habitantes do início da colônia, e a dos cambistas, que realizavam comércio com os nativos. Cunha (1986, p. 96) afirma que um dos poucos narradores que excepcionalmente relata a realidade nas costas brasileiras é Hans Staden, pois este foi por um tempo prisioneiro dos Tupinambás e, durante este, foi capaz de observar boa parte dos hábitos e costumes dos indígenas, dentre esses, o mais polêmico, a antropofagia ritualística, como a que seria praticada pelos *Aimorés*, se não fosse a interrupção causada pelo grupo de aventureiros liderados por *Álvaro* (*Guarani*, 1857, p. 206).

3 - Peri e o índio aos olhos do Brasil

O índio brasileiro/nativo sul-americano já foi retratado de várias maneiras na história e isso refere-se a diversas formas de expressão popular. Alencar faz a aproximação pelo romance de cavalaria e o nacionalismo, exaltando o herói representante do povo, por meio “da questão da ideologia que interpela a essência de um herói [...] construída dentro dos padrões medievais” (Custódio, 2017, p. 11).

O Brasil, como colônia vassala de Portugal e com uma longa história de submissão territorial e econômica, por razões óbvias, adotou boa parte da cultura portuguesa para si. Sendo assim, dificilmente haveria alguma dissociação cultural tão brusca do esperado, pois o Brasil era considerado apenas uma extensão das terras portuguesas, mas com um viés exploratório. De fato, pensar de forma diferente de Portugal era algo inconcebível por um bom tempo, justamente porque a própria formação superior, dos que tinham condições de obtê-la, era realizada por lá, na faculdade de Coimbra, por exemplo. As famílias enviavam os seus herdeiros para obter instrução e o título de bacharel, vulgo “doutor” do período colonial.

Sendo assim, a literatura portuguesa e brasileira possuíam traços que as assemelhavam demais. Esta falta de identidade começou a perturbar os intelectuais da época; como exemplo, José de Alencar e Gonçalves Dias. Esses autores tentaram se distanciar do cânone europeu e, portanto, começaram a sentir a necessidade de inovar na sua escrita, o que de fato não ocorreu por completo, pois ainda estavam muito ligados a esse devido às claras referências em suas obras. A crítica não favoreceu para que essa mudança ocorresse suavemente, José de Alencar foi criticado e desmerecido por seus trabalhos durante muito tempo.

O surgimento da literatura indianista deu-se na segunda metade do século XIX, um movimento que consagraria o marco inicial do que se diz ser o “fazer uma coisa americana — exclusivamente nossa”. De acordo com Pinho (2008, p. 37), o índio brasileiro é o “produto”

mais lucrativo que a literatura já criou, porém, isso pode ir além, algo como aquilo mais lucrativo que já habitou as Américas. O velho mundo tinha muito interesse em conhecer o índio, havia expedições apenas para levá-los para serem provas do avanço das descobertas na América. Um exemplo notório, e já dramatizado no cinema, foi o de *Diogo Álvares e Catarina Paraguaçu* sendo recebidos na França com honrarias (Pinho, 2008, p. 38). Tal fato pondera para o sucesso da literatura indianista, que foi alimentada pela curiosidade sobre o misticismo que envolvia esses povos, o que ajudou a determinar o futuro desse gênero literário.

O movimento da primeira geração romântica no Brasil tinha uma necessidade de validar a cultura e a existência da literatura nacional, em uma tentativa de reverter às influências portuguesas já tão intrínsecas na escrita dos autores da época. Alencar, escritor brasileiro que popularizou o mito da origem que o país tanto carecia, foi um dos primeiros a popularizar a escrita brasileira, iniciando o afastamento da Europa. Porém, o quão distante estavam dos padrões europeus? As obras de Alencar traziam um personagem nativamente brasileiro, porém com as características exaustivamente repetidas no presente trabalho: “o cavaleiro medieval deve exaltar as sete virtudes capitais [...] e renegar os sete pecados capitais. Assim também será o herói romântico, assim também será o índio nos primórdios da literatura brasileira” (Custódio, 2017, p. 11). O indígena era uma das figuras ideais para representar o país, pois ao mesmo tempo em que não era um português, ainda trazia em si a marca da terra (Brasil), por serem originalmente os donos dessa. Os primeiros escritos traziam características por demais exageradas, como muitos neologismos e díspar da realidade já conhecida pelos colonos.

Os autores românticos construíram “uma narrativa de exaltação” do nativo brasileiro, “maquiando” e omitindo o seu lado em contato com a natureza selvagem. Basicamente, ocorre uma europeização do indígena. Kothe (2000, p. 213-214) traz uma crítica ao indianismo, pois esse transforma o indígena, o fracassado historicamente, em vitorioso, como se a sua cultura houvesse se sustentado e mostrado superioridade em relação à do colonizador, ou, pelo menos, pode coexistir em igualdade. Jobim (1998, p. 86) toca na ambiguidade que é tratar o índio como o herói do Brasil ao mesmo tempo em que o considera uma raça inferior a do colonizador. O índio, personagem em qual toda a trama se desenrola, na verdade, não se tratava de um em sua essência, mas sim de um índio com ideais europeus. Os escritores não escreviam intencionalmente desta forma (talvez), era apenas o reflexo da sua formação europeia e do meio à que pertenciam, pois esses haviam morado e estudado em Portugal. Uma das questões que os contemporâneos discutem é como os românticos tentavam se diferenciar

do padrão, enquanto, ao mesmo tempo, o seguiam com as formas europeias. Os autores da época careciam da visão crítica tão abundante dos tempos presentes.

O indianismo de Alencar, apesar de ser considerado o mais apurado, ainda traz as características de cavaleiro europeu ao índio. Alencar tentou criar um perfil diferenciado para os seus personagens, justamente por ter conhecimento do passado desses e por querer retratá-los historicamente, tornando-se assim o escritor/criador do mito heroico na literatura brasileira. Há também inúmeros traços da religião católica que marcam os personagens, onde eles abandonam o seu senso moral para adotar o do colonizador, traindo os seus costumes e adotando os deles, como se a cultura indígena fosse uma subcultura que pudesse ser negada sem demais prejuízos.

Alfredo Bosi (1992, p. 152) levanta outra característica a respeito dos personagens das tramas de Alencar, pois todos têm um final trágico justamente para evitar o possível mal-estar que seria provocado pela procriação dos amantes, gerando híbridos tão estigmatizados à época. Ainda falando sobre esse estigma que era (ou ainda é para alguns) presenciar um romance entre dois amantes de etnias diferentes, ainda mais um deles sendo indígena, fez com que o resultado da trama sempre apontasse para um fim trágico ou interpretativamente fatal, no caso de apenas o homem ser indígena.

No *Romance do Graal* (ed. 1992) não há um desfecho - oficial, pois o autor não consegue concluir a obra em vida - trágico, e sim um final sagrado, com o descanso do cavaleiro após tantas aventuras, perigos e conquistas; um término agradável:

O conto diz em seguida que Perceval, tão amado de Deus, foi se aperfeiçoando em Seu serviço. Em três anos tornou-se acólito, depois subdiácono, depois diácono e após cinco anos passou a padre.

Cantou sua primeira missa em um dia de São João e morreu dez anos depois, na véspera da Candelária. Deixou a terra sem sofrimento e foi posto no céu à direita do Salvador. O Graal, a Lança e a Salva foram levados para o céu com ele, pois ninguém os reviu mais na terra.

Perceval foi enterrado no Palácio Aventuroso, junto do rei Mordrain e de seu filho o Rei Pescador, com o seguinte epitáfio:

“Aqui jaz Perceval o Galês, que levou a termo as aventuras do Graal.” (*O Perceval ou O Romance do Graal*, ed. 1992, p. 246)

As duas obras possuem uma trama muito envolvente e com um desenvolvimento de personagens cativante. A jornada do herói estudada por Joseph Campbell (ed. 97, p. 34) é algo aplicável nas narrativas de ambos os romances logo ao início, quando ocorre o “chamado da aventura, significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida”. No caso de *Perceval*, à corte do *Rei Arthur*, e o de *Peri*, à casa de *D. Antônio de Mariz*. Lugares fundamentais para o desenrolar dos

acontecimentos de ambas as tramas e também lugares fundamentais para ambos se validarem como cavaleiros, cada um ao seu modo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, *O Guarani* (1857) de José de Alencar é mais rico e justificável quando o colocamos em paralelo com um romance da cavalaria medieval; e o escolhido aqui para realizar a comparação foi o *Perceval ou o Romance do Graal* (ed. 92) de Chrétien de Troyes. Os romances apresentam uma trajetória de um cavaleiro que, por amor a sua donzela, realizam feitos que superam a compreensão do que um humano é capaz de exercer. Seja na Europa ou no Brasil, a conduta honrada e subserviente dos cavaleiros é perceptível em ambos os personagens.

Peri e *Perceval* possuem moral semelhante, não desejam o mal a quem não os ofende e trazem a vingança para aqueles que vão contra os seus. No caso de *Peri*, esse vem de uma sociedade que considera a vingança como a roda que movimenta a guerra e a manutenção de seus rituais. Tal ato, condenável à vista da fé cristã, não era reprovável quando realizado por cavaleiros em suas empreitadas, simplesmente por esses serem tementes a religião católica. A questão é o ponto de vista: para os cristãos, a vingança praticada pelos nativos brasileiros é a bestialidade do índio, sendo o oposto do que prega a fé cristã; porém, quando a vingança é exercida em nome de Deus ou em prol de Sua obra, ela é louvada e abençoada. Nos relatos jesuítas percebe-se que o que foi mais investido encerrar foram esses ciclos de vingança ritualística e sem a proibidade divina.

As donzelas presentes nos romances são partes fundamentais para que o cavaleiro amadureça e seja capaz de exercer as suas proezas, elas agem como o impulsionador de atos heroicos e estes, em contrapartida, pouco pedem, apenas a aceitação e a sua felicidade.

Ao analisar os fatos, podemos considerar que *Peri* tem uma visão de si e de seus atos muito melhor construída do que a de *Perceval* ao início de sua trama. Logo, porém, *Perceval* acompanha a *Peri* no seu amadurecimento como cavaleiro, ao tratar a donzela com honrarias e jurando proteção e o socorro. Entretanto, somente *Perceval* é honrado reciprocamente após realizar as suas tarefas, *Peri* por muito tempo ainda recebeu o desprezo de muitos personagens de seu romance.

O índio, mesmo portando-se como cavaleiro, não pôde ocupar o mesmo espaço social no romance como *Perceval* ocupou. A distância cultural e racial foi mantida pela família de *D. Antônio de Mariz* e até mesmo pela sua donzela, *Cecília*, por muito tempo da narrativa, culminando no final trágico do romance, desassociando-se do final sagrado do outro. Então, pode-se sugerir que *Peri* é um cavaleiro medieval deslocado, fora de seu “habitat” e com todas as características positivas e algumas das negativas também, sempre em

choque tentando se adaptar a moral de sua senhora e da vida que escolheu para si até o seu provável final trágico.

BIBLIOGRAFIA

A Carta, de Pero Vaz de Caminha. Edição de base: Carta a El Rei D. Manuel, Dominus: São Paulo, 1963.

ALENCAR, José de. O Guarani. Editora Ática. 21.^a edição, 1997 – Original: 1857.

ÁLVARES, Cristina. PERCEVAL OFUSCADO. O OLHAR ENTRE LUZ E TREVAS EM LE CONTE DU GRAAL, DE CHRETIEN DE TROYES. Departamento de Estudos Românicos, Universidade do Minho, 2013.

BOSI, A. História concisa da literatura brasileira. 3. ed. São Paulo: Ática, 1992.

BASTOS, Alcmeno. O ÍNDIO ANTES DO INDIANISMO. FAPERJ - 7 LETRAS, 2011.

CAMPBELL, Joseph. Título do original: “The hero with a thousand faces”. Copyright © 1949 Princeton University Press. CULTRIX, PENSAMENTO - SÃO PAULO, edição 1997.

CAMINHA, Pero Vaz de. A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA (1500). Carta a El Rei D. Manuel, Dominus: São Paulo, 1963. NUPILL - Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística © LCC Publicações Eletrônicas. Disponível em: <<http://www.culturabrasil.org/zip/carta.pdf>>. Acesso em: 16 de novembro de 2017

CAMPBELL, Joseph. Título do original: “The hero with a thousand faces”. Copyright © 1949 Princeton University Press. CULTRIX, PENSAMENTO - SÃO PAULO, edição 1997.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Imagens de índios do Brasil: O Século XVI*. São Paulo, Brasiliense/Edusp, 1986.

CUSTÓDIO, Artur. *A ordem da cavalaria indianista: a formação do herói nacional no Romantismo*. Sala de Literatura - Página de um professor de literatura workaholic, 2017.

FONSECA, Vitória Azevedo da. *EUS E OLHARES SOBRE OS OUTROS: relatos de Hans Staden e suas releituras cinematográficas*. Volume 7, número 9, julho de 2010.

JOBIM, José Luís. *Indianismo, Nacionalismo e Raça na cultura do Romantismo*. In: BERNARDO, G. (Org.) *Literaturas e sistemas culturais*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 1998.

FERNANDES, Raúl Cesar Gouveia. *A formação do cavaleiro: Perceval ou O Conto do Graal*. Doutorado FFLCH/USP, 2004.

KOTHE, F. *O cânone imperial*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2000.

LIMA, Carlos Adriano Ferreira de. *Hans Staden duplicado: leitura preliminar da personagem literária e cinematográfica*. *Revista Paraibana de História*, ano I, n. 1, 2º semestre de 2014.

MUSSA, Alberto. *MEU DESTINO É SER ONÇA*. 2ª edição, Editora Record, Rio de Janeiro - São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, João Pacheco de. FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. A Presença Indígena na Formação do Brasil. Coleção: Educação para todos, 2006.

PEREIRA NETO, S. O MITO DO BOM SELVAGEM NO ROMANCE O GUARANI. Faculdade Alfredo Nasser, UNIFAN, Brasil, 2004.

PEREIRA, Adriana da Silva Maria. “O Herói Medieval Brasileiro” do Portal Educação. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/o-heroi-medieval-brasileiro/19078>>. Acesso: 10/2018

PINHO, Adeílato Manoel. A margem e o Outro, retratos de índio no Romantismo. Instrumento: R. Est. Pesq. Educ. Juiz de Fora, v. 10, p. 37-44, jan./dez. 2008

PYLE, Howard. Clássicos Zahar - Edição Comentada e Ilustrada. **Rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda**. Zahar, 2013.

STADEN, Hans, 1974 (1557), Duas Viagens ao Brasil. São Paulo, Ed. Itatiaia e EDUSP, 216pp.

THÉVET, André, 1978 (1558), As singularidades da França Antártica. São Paulo, Ed. Itatiaia e EDUSP, 271pp.

TROYES, Chrétien. **Perceval ou o Romance do Graal**. Martins Fontes Editora Ltda., São Paulo – 1.^a edição brasileira: abril de 1992.